

## **Comentários à “Nota 2 – Notas complementares sobre a crise econômica”**

Pedro José

Em “A crise econômica mundial e a teoria marxista sobre a crise: Nota 2 – Notas complementares sobre a crise econômica”,<sup>1</sup> (daqui em diante “Nota 2”), os autores retomam a análise marxista das crises como um processo inerente as contradições das relações sociais de produção capitalista. A análise das crises, ou dos períodos de desenvolvimento, considera a situação concreta das relações sociais de produção capitalistas sem que se precise recorrer a qualquer outro evento fortuito exterior ao próprio capital como relação social.

E fazem-na como retomada do estatuto do marxismo como ciência, ciência da história, portanto, da história de luta de classes, das leis tendenciais do modo de produção capitalista e, no mesmo processo, de seu desenvolvimento e transformação, e, por conseguinte, das formas da luta de classes no próprio seio do movimento operário. Neste ponto, a Nota 2 convoca uma tarefa política de grande relevância; a análise da crise/desenvolvimento do capitalismo é inseparável da luta incessante contra o idealismo e o subjetivismo presente, em especial, entre aqueles que reivindicam o marxismo. Assim, a Nota 2 retoma Marx para analisar a situação concreta das atuais formações econômico social capitalista e compreender suas leis tendenciais, não leis abstratas, mas “*da dinâmica do capitalismo, de suas contradições, das tendências e das contra – tendências [e buscar] captar as possibilidades de sua superação. Na medida em que constituem expressão de um jogo de forças entre tendências e contra – tendências, as “leis naturais” da produção capitalista são leis históricas.*” (Nota 2, p. 3). Ao mesmo tempo, combate o subjetivismo por negar ou dissimular as leis tendenciais da dinâmica do desenvolvimento/crise capitalista, “*aqui se trata [da negação] dessas leis mesmo, dessas tendências que atuam e se impõem com necessidade férrea*” (Marx, Karl. O Capital, Prefácio da primeira edição. Abril Cultural; 1984, p. 12).

Justamente pelo mérito da apreensão da dinâmica das contradições do capitalismo como leis tendenciais invocada para a análise das crises nas condições concretas da acumulação capitalista a partir do século XX e assinalar a alteração do padrão anterior de crises, a Nota 2 possibilita um questionamento mais de fundo.

Recorro diretamente a síntese do último parágrafo do item 4. **“Em síntese: a diminuição da intensidade das crises reduziu o impacto das crises como mecanismo corretor do sistema capitalista, ao impedir a destruição de forças**

---

<sup>1</sup> Artigo de autoria de Eduardo Stotz e Ivaldo Pontes, publicado na seção “Artigos” do portal [www.centrovictormeyer.org.br](http://www.centrovictormeyer.org.br).

**produtivas numa escala necessária para a vigorosa retomada do desenvolvimento. Daí a tendência ao crescimento lento, à "estagnação".**" (p. 12, negrito dos autores).

Não seria correto falar em "diminuição da intensidade das crises" para caracterizar as crises no atual momento histórico do capitalismo. Segundo os autores, esse processo seria decorrente da acentuação da concentração e centralização de capital com a constituição dos monopólios e pela transformação do papel do Estado na economia capitalista para regular o conjunto da atividade econômica. Ambos os processos se impuseram de forma material e objetiva independente de escolhas e vontades individuais. Se, por um lado, a monopolização acarretou a agudização da contradição fundamental do capitalismo, de outro, resultou na *"atenuação das formas de expressão desta contradição, isto é, anarquia da produção e a contradição entre produção e consumo"* (Nota 2, p. 11). A ação estatal atua para conter as contradições e as crises dentro de certos limites, *"uma ação de contenção das contradições do capitalismo, para evitar que atinjam níveis que ponham em risco a sobrevivência do capitalismo"* (Nota 2, p. 12).

Mas, a questão é que a "ação de contenção" não supera as contradições, ao contrário, conforme o próprio texto afirma "produz uma agudização" (p. 11), da contradição fundamental, pois em se tratando de capital, tratar-se de leis férreas, leis tendenciais que conforme as palavras de Marx *"atuam e se impõe como uma necessidade férrea"* (Nota 2, p. 3). Ou seja, quanto mais são desencadeadas as ações de contenção e, mesmo, na medida em que/quanto mais elas são eficazes, isto é, quanto mais retardam ou minimizam a crise em termos de *"destruição de forças produtivas numa escala necessária para a vigorosa retomada do desenvolvimento"* mais se levantam barreiras, se erguem barreiras cada vez maiores e, como dizia Marx, "em escala mais poderosa" à valorização do capital, para serem superadas. Segundo Marx, *"a produção capitalista procura constantemente superar essas barreiras que lhe são iminentes, mas só as supera por meios que lhe antepõem novamente essas barreiras e em escala mais poderosa"*. (O Capital, Livro III, Tomo 1, Abril Cultural, 1984, p. 189). Para em seguida afirmar: *"A verdadeira barreira da produção capitalista é o próprio capital"* (idem, p. 189).

A intensidade da crise de 1973-1975 atingiu enormes proporções; a dinâmica do capital que se seguiu, e nela as diversas crises que se sucederam, produziu em sucessivos movimentos a transformação e a constituição de outra divisão internacional do trabalho. A atual crise (a partir de 2008) esbarra em barreiras maiores e em escala mais poderosas para continuidade da valorização do capital nos marcos da divisão internacional do trabalho constituída nas últimas décadas. A intervenção dos Estados de forma concertada pelos principais Bancos Centrais, por exemplo, em 2008, conseguiu conter a crise dentro de certos limites, mas as mesmas ações que minimizaram a crise, porque evitou queimar capital numa escala necessária, produz novas formas de manifestação da contradição, agora com grau de concertação menor ou inclusive acirramento das disputas entre os

Estados (aumento da exploração da classe operária, protecionismo, "guerra cambial"). Cada ação de contenção dos Estados – tantas e gigantescas, agrava a contradição fundamental, o aumento da exploração do trabalho – expressa a intensidade da crise.

Tais processos de contenção emergem objetivamente do desenvolvimento das contradições do capitalismo e, como tais e porque tão quanto objetivos, escapam do domínio e possibilidade destas ações de contenção superarem a contradição do capitalismo.

Do contrário, abre-se uma lacuna para se reinserir a posição subjetivista criticada na Nota 2, em continuidade a crítica iniciada na Nota 1, ou seja, a "*posição metodológica subjetivista, quer dizer, a substituição das leis ou das condições objetivas do movimento do capitalismo pelo poder dos monopólios.*" (Nota 1, p. 4) e do Estado.

É possível pensar, como sugere a própria Nota 2, "*do ponto de vista da dinâmica global do modo de produção capitalista*" (p. 11), a "atenuação" e a "ação de contenção" dos monopólios e do Estado simultaneamente ao processo de agudização das contradições do capitalismo. Pensar, portanto, os dois aspectos como uma unidade, a atenuação/contenção e a agudização das crises no capitalismo, em que predomina a tendência de agudização.

Nesse sentido, a "diminuição da intensidade das crises" revela apenas um dos aspectos manifesto nas crises, a contra - tendência à elevação da intensidade das crises. Esta elevação tem se afirmado como tendência dominante nas condições históricas de desenvolvimento das relações sociais de produção capitalista desde o final do século XIX e início do século XX. A guerra mundial foi, em última instância, sua expressão concreta e à forma objetiva de efetivar a transformação das relações de força entre os Estados e as classes sociais, de "*destruir força produtiva numa escala necessária para a vigorosa retomada do desenvolvimento*" (Nota 2, p. 12), como também um momento de emergir revoluções proletárias.

Mas, se a história nos traz lições, experiências, conhecimentos, não simplesmente para replicá-los no presente, e sim para reforçar a obrigação de fazer, como dizia Lênin, a análise concreta da situação concreta. Por isso, o mérito da Nota 2 em retomar o debate e a análise marxista das crises. Tanto mais pela necessidade do conhecimento científico do desenvolvimento da crise atual do capitalismo, motivo suficiente para merecer o interesse maior dos marxistas, condição indispensável à organização do movimento revolucionário.

(novembro de 2010)